



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO/METODOLÓGICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jacineide Virgínia Borges de Oliveira da Silva⁽¹⁾; Aline Giseli da Silva Lima⁽²⁾; Gilianne Vicente dos Santos⁽³⁾; Anie Gabriele Veloso da Silva⁽⁴⁾

(1) Universidade Federal da Paraíba, jacineidevirginia@gmail.com; (2) Universidade Federal da Paraíba, liline_jpa@hotmail.com; (3) Universidade Federal da Paraíba, gili-anny@hotmail.com; (4) Universidade Federal da Paraíba, anie_gave@hotmail.com.

Resumo

A Literatura de Cordel, mesmo configurada como sendo uma literatura de origem modesta, apresenta, em sua essência, uma aura classicista, que almeja a exatidão, do ponto de vista poético, e ainda é considerada como portadora de um propósito educativo. O cordel caracteriza um exemplo de poesia oral, contudo exerce uma influência notável na escrita, haja vista a exigência de atendimento à norma gramatical culta da língua, desde que não se trate de cordel que estabeleça relação para com a poesia matuta, obviamente. A competência para, dos fatos mais simples do cotidiano, extrair não apenas histórias, mas também alegorias diversas, sem trazer à lume uma visão totalmente crítica e irônica, corrobora de forma muito significativa para que o indivíduo humano desenvolva virtudes fundadas na mera intuição emotiva que, por sua vez, se coloca muito além dos atos humanos. O objetivo do presente trabalho é o de estabelecer uma reflexão a respeito da Literatura de Cordel, bem como do seu valor para a sala de aula no que toca à linguagem, discurso, valores sociais e, principalmente, do incentivo à leitura e a escrita. Para a realização do presente trabalho, foi adotada reflexões teóricas postuladas por Mikhail Bakhtin, Fiorin, Márcia Abreu e de outros autores, com intuito de melhor compreender a literatura de cordel, a exemplo do estudioso Manoel Diégues Júnior.

Palavras-Chave: Gênero do discurso. Literatura de cordel. Literatura. Leitura. Escrita.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a leitura e a escrita, assim como também os valores sociais representam exemplos de elementos extremamente indispensáveis no que se refere ao processo de formação escolar, elas carecem da atenção especial dos professores não apenas de língua, mas de diversas áreas do conhecimento. Cabe à escola o papel de originar um círculo, de fato eficaz, com o intuito de promover a melhoria da aprendizagem global do discente por meio de tais elementos fundamentais, conforme está supracitado.

É imprescindível que os professores não se limitem a realizar e disponibilizar aos seus alunos uma leitura de materiais que se encontre no âmbito da sala de aula apenas. Outros



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

horizontes precisam ser alcançados. Neste contexto, “a leitura de mundo torna-se uma aliada fundamental para que o indivíduo possa compreender a realidade na qual ele se encontra inserido” (PAULO FREIRE, 1985). A leitura e a escrita, funcionam como elementos possibilitadores/facilitadores do acesso à maior parte da cultura humana. Não basta apenas reproduzir as palavras enquanto som é essencial compreendê-las. Entretanto, para que tal objetivo possa ser alcançado é necessário utilizar diversas formas e meios com o propósito de atender aos interesses das crianças e dos jovens.

Destarte, o uso de técnicas mais variadas possíveis funcionam como aliadas para que os discentes despertem o interesse pela leitura, assim como também pela escrita. Entre essas técnicas que possuem o propósito de fazer com que os discentes adquiram o hábito e sintam prazer pela leitura se encontra a Literatura de Cordel que, enquanto gênero discursivo, apresentando uma linguagem simples, acessível, escrita um tanto curta e que dialoga com a realidade de forma muito constante, possui a capacidade de não apenas de despertar, mas também de facilitar a leitura.

Enquanto gênero do discurso, o Cordel facilita a memorização, o que está fortemente ligado a compreensão daquilo que é lido, uma vez que só é possível adquirir gosto e apreciar aquilo que se compreende. Destarte, a apropriação da leitura passa a se materializar de forma efetiva. Ademais, vale salientar que o fato das palavras estarem basicamente restritas ao som de forma alguma irá determinar de modo único as formas de expressá-las, mas também os métodos de pensamento, bem como o de estocagem do conhecimento a ser formado e/ou adquirido.

Neste contexto, o presente trabalho objetiva estabelecer reflexões diversas a respeito da Literatura de Cordel, assim como também de sua importância para a sala de aula, principalmente, no que se refere à diversos elementos, tais como a linguagem, o discurso, os valores sociais, o incentivo à leitura e a escrita. Para tanto, adotamos como metodologia a revisão bibliográfica e literária, por meio das quais pudemos estabelecer contato com diversas considerações postuladas por teóricos distintos, além da proposição de atividades com intuito de demonstrar, com mais afinco, as diversas possibilidades existentes de se realizar o trabalho com a Literatura de Cordel de forma proveitosa e rica em sala de aula.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

2 GÊNEROS DO DISCURSO

O indivíduo humano, em seu cotidiano, certamente, se depara com inúmeras atividades integrantes da esfera que constituem a vida humana, a exemplo do trabalho nas fábricas e/ou indústrias, nas instituições escolares, religiosas e assim sucessivamente. Sendo assim, o homem se enxerga inserido em diversas circunstâncias, meios e situações que requerem do mesmo, capacidades variadas com intuito de atender de forma satisfatória às esferas da sociedade na qual se encontra inserido. É nesse contexto que o gênero se origina.

Se tecermos uma análise do ponto de vista prático, perceberemos, de forma notável, que o homem sempre trabalhou os gêneros e seus conceitos. Tomemos como exemplo uma biblioteca, nela os livros são organizados de acordo com as suas características e especificidades comuns. Mikhail Bakhtin (2000) considera que “as propriedades de forma alguma irão constituir a o valor proeminente dos gêneros, haja vista que tal valor irá ser formado a partir da relação existente entre as propriedades e as relações de natureza humana.” Seguindo o mesmo preceito, Fiorin (2007, p. 62) assegura que:

O ponto de partida dos gêneros é justamente o vínculo intrínseco que existe entre a utilização da linguagem em si e entre a utilização das atividades de natureza humana. Neste sentido, todos os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação.

A linguagem em si representa um dos mecanismos responsáveis por sustentar as atividades humanas mais diversas possíveis. Destarte, visando atender a utilização da língua em sua realização que ocorre de forma múltipla e, portanto, plural, configurando, assim, o que se pode denominar de processo de interação, Mikhail Bakhtin estabeleceu por convenção chamar de gêneros do discurso.

Mikhail Bakhtin assevera que seja qual for a atividade exercida, o homem utiliza a língua de acordo com as suas intenções, bem como de acordo com um objetivo exclusivo. Ademais, também constroem enunciados que se materializarão de várias formas. Tais enunciados se tornam completamente visíveis através do processo de interação verbal que, por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sua vez, é exercida por seus locutores. Neste contexto, cabe ao falante se apropriar do gênero, exercendo domínio sobre o mesmo. Dessa maneira, quanto maior for a competência, conseqüentemente será maior o desempenho, o que certamente possibilitará ao falante, prever os diversos quadros de sentidos e os quadros comportamentais nas mais diversas situações comunicacionais do dia a dia. É este conhecimento que irá tornar exequível a escolha de vocabulário de acordo com a ocasião apresentada, além do ajustamento de uma prática de origem social, além de suas formalidades. Pois, como evidencia Bakhtin (2003, p. 285):

Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero.

Deste modo, torna-se perceptível a ideia de que quanto mais apresentamos domínio sobre o gênero, mais poderemos usá-los de forma livre e espontânea.

Os gêneros discursivos se apresentam de forma heterogênea, haja vista que resultam das diversas relações sociais que se fazem presentes na humanidade. Neste sentido, percebe-se que tanto a riqueza quanto a diversidade dos gêneros discursivos se apresentam de modo infinito, até porque representam algo inesgotável as inúmeras possibilidades da atividade humana que, por sua vez, se mostra de diversas formas. Além do mais, julga-se imprescindível que em cada campo destas atividades os gêneros do discurso se tornem cada vez maior ao passo que cresce e passa a tornar ainda mais complexo um campo determinado (BAKHTIN, 2000, p. 260).

Bakhtin propôs a divisão dos gêneros sob forma de dois grupos diferentes. Um dos grupos foi denominado por ele de Primário, já o outro de secundário, respectivamente. Os gêneros primários ou simples (como também são chamados) configuram produtos das inúmeras situações de comunicação verbal, portanto, não se apresentam de forma elaborada, mas bastante espontânea. Neste contexto, é o nível e/ou grau de informalidade que fazem com que tais gêneros sejam classificados como primários ou simples.



Os gêneros denominados de secundários apresentam complexidade maior tendo em vista que existe uma espécie de instrumentalização propriamente dita, ou seja, a escrita, o que, sem dúvidas alguma, corrobora para que este gênero seja mais elaborado com o objetivo principal de dá origem a um enunciado mais culto. As pesquisas científicas e os romances, configuram exemplos de tais gênero, considerados como sendo secundários ou até mesmo complexos.

Pelo fato de se desprenderem do vínculo imediato com a realidade concreta, bem como com os enunciados reais de origem alheia, Bakhtin atesta que os gêneros simples podem muito bem serem assimilados pelos gêneros complexos. Estes, por sua vez, transfiguram-se adquirindo características inovadoras (BAKHTIN, 2000, p. 262). Atentemos para a abordagem que os PCN de Língua Portuguesa realiza em relação aos gêneros discursivos.

3 PCN: UMA NORMA PEDAGÓGICA OU UM MEIO DE SE ESTABELEECER A AUTONOMIA?

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os métodos tradicionais de ensino se tornaram ultrapassados e desinteressantes, pois, os diversos avanços ocorridos na área da comunicação, da industrialização e demais setores os tornaram antiquados, sem mencionar os inúmeros casos existentes de reprovação e abandono escolar. Levando em consideração esta realidade, inúmeros questionamentos e discussões foram realizados visando promover a inversão da situação.

O ensino de Língua Portuguesa se configura como sendo o verdadeiro ponto central de nossa discussão, sobretudo, no que toca à apropriação do domínio da escrita e da leitura pelos discentes. Sem dúvida alguma, seria muito importante que o modo de ensinar fosse modificado. Alunos desestimulados, escolas em péssimas condições, alto índice de reprovação e abando são alguns exemplos de elementos que integram a realidade do quadro encontrado pelos especialistas muito bem antes do aparecimento dos PCN.

Ao ser aplicado de forma meramente descontextualizada, os conteúdos de Língua Portuguesa contribuem de forma significativa para que o discente venha a se sentir desestimulado, pois ao mesmo não foi apresentado os reais motivos e razões que justificam a necessidade de se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aprender tais conteúdos e/ou regras. Ademais, a valorização, absurdamente maior, da Gramática Normativa que se limita na abordagem e no estudo de regras corrobora para que os índices de reprovação e abandono escolar se tornem cada vez maiores. Ao trabalhar a língua com ênfase em seu caráter prescritivo, o professor está, automaticamente, contribuindo para que o aprendizado se torne desinteressante.

Os PCN postulam que é através da linguagem que o acesso à informação, cultura e à construção de visão, etc. se tornam possíveis. Neste sentido, é do professor Língua Portuguesa o papel de ensinar aos discentes a melhor forma possível de se fazer uso da língua, além de promover o ajustamento dos recursos em contextos diversos, bem como de entender o recebimento dos discursos em sua variedade. Destarte, os PCN apontam as trajetórias a serem seguidas pelo docente, não obstante, percebe-se que o seu discurso acaba por limitar o papel do professor. Neste contexto, é de bom alvitre mencionar que os PCN à medida que estabelece os deveres a serem observados e cumpridos também acaba entrando em contradição, pois preconiza que a proposta não se configura como sendo uma norma pedagógica, mas uma forma de autonomia (PCN, 1998, p. 70).

Percebemos a presença de um discurso Bakhtiniano (mesmo que não haja a formulação de uma citação direta) nos PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Contudo, é importante trazer à lume que os PCN abordam os gêneros discursivos de forma muito simplificada e, desse modo, optam por não dar a atenção necessária que tal conteúdo necessita. Em suma, os PCN acabam por destacar muito mais os aspectos formais que os aspectos construídos.

Após os PCN estabelecerem que o ensino de Língua Portuguesa deveria se pautar no ensino dos gêneros, diversos livros didáticos surgiram trazendo uma visão de gênero como sendo uma espécie de conjunto dotado de propriedades formais e que, por sua vez, deverá orientar o modo que o texto será elaborado. Tal concepção acaba por colocar o gênero na condição de produto e o seu ensino acaba por apresentar um teor normativo, assim como o ensino de gramática (FIORIN, 2007, p. 62).

Os PCN também apresentam uma tabela responsável por estabelecer quais são os gêneros que deverão ser trabalhados pelos docentes. Nessa tabela também se encontra o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Cordel, entretanto, de forma concomitante, notamos que os PCN consideram o Cordel somente como sendo um texto oral, como se não coubesse ao mesmo o direito de estar também inseridos nos textos escritos e como se fossem apenas constituídos de elementos orais.

4 A TRADIÇÃO DA LITERATURA ORAL

O início da literatura de cordel encontra-se diretamente relacionado com a propagação, bem como divulgação de histórias de cunho tradicional que abordam narrativas pertencentes a tempos passados, mas que foram conservadas e difundidas através da memória popular. Conforme menciona Diégues Júnior (1978 p. 4), “as novelas de cavalaria, os romances, as narrativas que abordam as guerras, viagens ou até mesmo as conquistas e explorações marítimas, configuram formas de exemplos de tais histórias que chegaram até nós graças a conservação e difusão pela memória popular.” O teórico ainda afirma que “a literatura de cordel aqui no Nordeste possui origem lusitana, os folhetos ficavam presos a um pequeno cordão ou até mesmo um barbante e que era a forma utilizada para que fossem expostos nos locais em que eram comercializados.”(idem)

No Nordeste a literatura de cordel encontrou um ambiente bastante propício no que toca a sua difusão, tendo em vista a existência de duas causas diferentes. Em primeiro plano está o fato das condições étnicas, uma vez que a convivência o lusitano e o escravo proveniente da África deram condições a uma troca contínua de influências. Em segundo plano se encontra o fato de que no Nordeste o ambiente social possibilitava condições necessária para que essa forma de manifestação literária se originasse. Deste modo, podemos compreender que a literatura de cordel se originou em detrimento das condições de cunho social e cultural que específicas no Nordeste, passando a apresentar peculiaridades fisionômicas da região. Neste contexto, diversos fatores de formação social acabaram por contribuir para que esse processo viesse a ocorrer, como por exemplo, a organização da sociedade patriarcal, o aparecimento de manifestações baseadas no messianismo, assim como também as secas e os bandos de cangaceiros (considerados por uns como heróis e por outros como bandidos, o que contribuiu de forma significativa para o aparecimento de desequilíbrios



de ordem social e econômica), bem como as lutas familiares que, certamente possibilitou para que grupos de cantadores viessem a surgir, atuando como instrumentos do pensamento coletivo e das manifestações da memória popular (DIÉGUES JÚNIOR, 1978, p. 7).

A seção seguinte, por sua vez, trata da contribuição da Literatura de Cordel no que toca ao estímulo pela leitura.

5 A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL PARA O DESPERTAR DO GOSTO PELA LEITURA

Levando-se em consideração os desafios didáticos e pedagógicos existentes, tende-se a procurar-se textos que possibilitem uma fácil compreensão com o intuito de que os discentes venham a apresentar interesse e gosto pela leitura. Além disso, também se espera que ao estabelecer contato com esse tipo de leitura, os alunos também se vejam entusiasmados e, portanto, estimulados a buscarem outros tipos de literatura.

Diversas pesquisas têm mostrado que a literatura de cordel funciona como elemento fundamental no que se refere ao desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura. Sabemos que o processo para a formação de leitores críticos e conscientes ocorre de forma lenta e progressiva. Neste sentido, por meios dos textos de cordel, o leitor iniciante se enxerga capacitado para iniciar e concluir a leitura pelo fato de que a leitura é fácil de ser compreendida e dialoga de forma muito direta com a realidade do leitor.

A literatura de cordel vem imbuída de diversos contextos históricos, aborda a vida singela e difícil das pessoas e se trabalhada em sala de aula, possibilitará que o professor faça com o aluno se enxergue e tome consciência de que é sujeito do conhecimento e, ao mesmo tempo, parte dele. Muitos das pesquisas realizadas no Brasil a respeito do cordel, evidenciam o papel dos folhetos no processo de alfabetização de um bom número de pessoas, que por nutrirem interesse pelas narrativas de cordel se deixavam levar a aprender a ler com o objetivo de apreender o que estava escrito para depois serem capazes de repassar o que assimilaram e interpretaram para as pessoas do seu convívio.

Como aponta Almeida (1979) “os folhetos são eficientes, ressaltando que os versos são construídos com o propósito de também contribuir para possibilitar as sessões coletivas de



leitura por meio da voz alta, originando a intermediação.”A Literatura de Cordel produzida no Nordeste do Brasil desde meados do final do século XIX, situa tanto os homens quanto as mulheres de origens pobres na condição de autores, bem como de leitores, editores e críticos das composições de cunho poético. Conforme salienta Márcia Abreu (2004, p. 22):

Em geral, se situa esses papéis a pessoas da elite financeira ou então intelectual, entretanto, no que toca aos folhetos, pessoas que dispõe de pouca ou então de nenhuma instrução formal acaba por se envolver no mundo das letras não importando se produzindo e vendendo os folhetos, compondo e analisando os versos ou então, lendo e ouvindo as narrativas.

A teórica ainda destaca que o fato dos folhetos fazerem tanto sucesso se justifica pela forte relação que há com a oralidade que, por sua vez, é fortemente mantida por essas manifestações. Os desdobramentos possíveis da Literatura de Cordel são tão extensos que através da formação de uma mera roda de amigos com o intuito de ouvir narrativas rimadas, ritmadas, declamadas ou então recitadas dá margem para que a partir dali possam surgir, por formação, autores, leitores, críticos, editores, etc. em detrimento da efetivação significativa do envolvimento contínuo, profundo e valoroso com o universo das letras. Destarte, os diversos obstáculos e barreiras a ausência de uma instrução intelectual mais elaborada passam a ser rompidas, possibilitando assim, o acesso à porta que leva ao conhecimento.

Diante do exposto, fica notável que mesmo que o cordel represente uma literatura simples, pode exercer forte influência e, portanto, contribuir de forma positiva no tocante ao incentivo à leitura e escrita. Destarte, passemos a verificar os diversos meios e formas no que compete ao trabalho, propriamente dito, com a Literatura de Cordel em sala de aula.

6 A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

Livrar-se das limitações diversas impostas pelo preconceito faz parte do processo de construção da educação e é a partir da quebra dos paradigmas instaurados pelos, já tão óbvios, modelos de ensino de leitura e escrita que aparece a Literatura de Cordel no ambiente da sala de aula e com o propósito principal de promover o incentivo e gosto pela leitura e escrita.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em um mundo cada vez mais reduzido e onde os discentes se enxergam envoltos de inúmeros recursos tecnológicos, julga-se imprescindível se utilizar diversos meios e formas com o objetivo de fazer com que os alunos sintam-se atraídos pela leitura, tendo em vista a real necessidade existente de se incentivar o desenvolvimento por meio do prazer de ler e não pela obrigação, estimulando os discentes para que passem a ter um contato cada vez mais íntimo com os livros e utilizando assim, o Cordel com o propósito de originar anseios por novos tipos de literatura.

É neste contexto de trocas de materiais e também culturais, além de busca pela informação para utilização posterior que a linguagem atua como o sistema responsável por mediar todos os discursos existentes. Como a linguagem possui o potencial de promover a mediação das ações por nós protagonizadas sobre o mundo, ora declarando, ora negociando, além de promover a ação por meio do processo de persuasão, bem como de construir um mundo totalmente possível através dos princípios de representação e avaliação, torna-se crescente a carência e também a relevância de práticas educacionais inovadoras e que estabeleça relação com os diferentes gêneros textuais, bem como com as condições necessárias para que se alcance um letramento adaptado ao contexto atual (BRAIT, 2009, p. 56).

A boa leitura se encontrada fortemente ligada a uma boa capacidade de interpretação, de boa escrita e de habilidade para se expressar oralmente. Sendo assim, o trabalho de leitura e escrita precisa ser estimulado e colocado em prática de forma constante e contínua para que finalmente possa se tornar sólido.

Conforme assegura Márcia Abreu (2004, p. 33) “interpretar é o mesmo que conceder e explicar o sentido, à medida que compreender é o mesmo que saber como originar sentido, isto é, é identificar as intenções.”

A pluralidade do Cordel possibilita ao professor o desenvolvimento de trabalhos que abordem a transversalidade em sala de aula, contribuindo assim, de forma positiva, para que as habilidades e competências de leitura sejam adquiridas, não importando o componente curricular que estiver a ser trabalhado, haja vista que a literatura de cordel trata de temas variados, tornando-se assim, em um bom aliado no que se refere ao trabalho na sala de aula,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ficando somente a depender do planejamento com o objetivo de tornar mais fácil a orientação do conhecimento que, por sua vez, estará sendo transmitidos aos discentes.

O professor que trabalha com textos e deles depende para ensinar os conteúdos das diversas disciplinas necessita se conscientizar de que ele também instrui o aluno a ler e a escrever. Deste modo, compete a este professor, independente da área do conhecimento que o mesmo atua, chamar a atenção dos seus alunos para que se adequem e atendam às exigências da expressão verbal, ao menos no que toca à consistência do raciocínio, bem como à propriedade de sua formulação no texto (GASPAR, 2003).

Diante do exposto, é notável que aproximar o cordel da sala de aula contribui para que se visualize o vigor cultural do mesmo como ferramenta pedagógica e didática na educação. Contudo, apontar caminhos para que tal trabalho torne-se de fato, possível e proveitoso, é preciso, e visando atender tais propósitos, a seção seguinte tratará de tecer sugestões metodológicas que visam facilitar o trabalho com o Cordel sem ala de aula.

7 ALGUMAS SUGESTÕES METODOLÓGICAS DO TRABALHO COM O CORDEL E SALA DE AULA

Alfredo Bosi (1992) ao realizar algumas considerações a respeito da cultura popular e também da cultura de nível mais elevado (erudita) assegura que só existe uma relação fecunda entre o artista e a vida popular, isto é, a relação amorosa. Sem haver uma relação mais fecunda e profunda, o escritor não terá uma empatia duradoura e dessa forma, sendo ele (o escritor) uma pessoa de cultura letrada e que, por sua vez, pertence a uma linguagem redutora dominante, acabará se enredando nas malhas do preconceito ou então efetivará a projeção de suas angústias particulares na cultura do outro. Destarte, realizará a interpretação das formas de viver do primitivo, do suburbano e do rústico, de forma etnocêntrica e colonizadora (BOSI, 1992, p. 331).

Tais palavras, escritas por Alfredo Bosi estão direcionadas para o escritor, todavia, também podem ser direcionadas ao docente ou até mesmo para o agente de cultura. O trabalho com a literatura popular, cobra justamente a empatia duradoura e o estabelecimento



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

constante da relação amorosa. De modo que a mesma venha a ser assimilada e compreendida de forma adequada, mas não interpretada como sendo algo reduzido e/ou limitado.

Qualquer que seja a proposta metodológica que vise o trabalho com o cordel, esta estará sempre a pressupor o envolvimento de fato, afetivo e cada vez mais íntimo com a cultura popular. As experiências de cunhos culturais extremamente fortes e determinadoras de obras artísticas notáveis, a exemplo do cordel, habitam um espaço esquecido e conseqüentemente, pouco frequentado. Para que tal realidade seja transfigurada, a escola poderá atuar como um ambiente onde essas experiências possam ser propagadas, com o objetivo principal de mostrar o que há de vivo nelas, como é que elas vêm resistindo, garantindo a sua sobrevivência e se adequando aos contextos socioculturais inovadores.

Atendendo ao que está exposto no parágrafo anterior, consideramos que algumas atividades podem ser elaboradas com o intuito de atender os preceitos necessários para que se tenha êxito ao se trabalhar com o cordel em sala de aula. A realização da leitura oral dos folhetos de cordel é essencial, sendo assim, a leitura em voz alta se configura como uma atividade extremamente importante e, portanto, indispensável, visto que possibilitará aos discentes que eles consigam perceber o ritmo para, em seguida, identificar os andamentos distintos que o folheto possa vir a apresentar, processando as entonações de forma precisa.

A leitura deve ser ensaiada antes de ser realizada em público. Caso os discentes apresentem intimidade com a literatura de cordel, é recomendável que o professor procure estimulá-los para que tratem de suas experiências, histórias e também leituras que possam ter em mente. O estímulo proposto pelo professor deverá ir mais além. Os alunos poderão ser incentivados a trazer folhetos de suas residências com o objetivo de fazer com que todos estabeleçam contato e adquiram conhecimento cada vez mais aprofundado a respeito desse tipo de produção literária, artística e cultural.

De modo geral os folhetos de cordel apresentam temáticas bastante diversas, como por exemplo, condições humanas, casos cômicos, trágicos, relatos historiográficos, imaginários, dentre outros. Destarte, tal leque temático pode ser bem aproveitado para que se criem debates mais provocantes, encenação teatral, jograis, café literário, etc. Independente da metodologia utilizada para se propor a abordagem do texto literário, o debate merece ser privilegiado,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sobretudo, a fim de conscientizar os discentes de seu papel de herdeiro da cultura de seu povo, bem como do papel de agente transformador desta cultura (BORDINI, 1985, p. 47).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos que foi apresentado, fica perceptível que o cordel representa um instrumento bastante importante no que toca a efetivação do aprendizado, principalmente, quando levamos em consideração a sua linguagem característica, bem como as vozes que compõem o universo social e que, por sua vez, nela se encontram presentes. O cordel possui um valor muito significativo a ponto de ser comparado com a literatura consagrada pelos cânones como clássicas. Ademais, vários autores já abordaram os problemas da seca, do sertão e do homem que nele vive em suas obras. João Cabral de Melo Neto é um deles, além do saudoso Ariano Suassuna, Raquel de Queiroz e outros que contribuíram de forma significativa para a valorização e aceitação deste tipo de manifestação literária.

Entretanto, percebe-se que é completamente possível originar um ambiente agradável onde não apenas seja possível apreciar os folhetos, mas também, criticá-los e até criá-los e/ou recriá-los sem as imposições do ter que fazer por obrigação. Deste modo estaremos também a estabelecer uma análise a respeito da cultura popular propriamente dita, haja vista que o aluno poderá observar se o olhar dele em relação à mesma se assemelha ao que predomina nas escolas do Brasil como sendo o ideal e que a considera como sendo uma espécie de folclore ou até mesmo algo excêntrico.

9. REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ALMEIDA, William Barbosa de. *Folhetos: a literatura de cordel no Nordeste brasileiro*. 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BORDINI, Maria da Glória. Metodologia e ensino em literatura. *Caderno CEDES*, São Paulo: Cortez, n. 14, 1985.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIÉGUES JR, Manuel. *Literatura de cordel*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, Paulo. *A Importancia do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1985.

GASPAR, Fontes Lúcia. *Literatura de Cordel*. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 19.jul.2015.